O homem e sua lanterna

RENÉ GUÉNON
O MESTRE DA TRADIÇÃO CONTRA O REINO DA DETURPAÇÃO

No começo do século a obra de Guénon sacudia os alicerces da cultura ocidental, movendo um ataque maciço à ciência e filosofia modernas, em nome da Tradição – a corrente de ensinamento metafísico da qual nasceram todas as religiões e formas espirituais do mundo. No próprio Oriente, depósito intocado da Tradição, Guénon foi reconhecido como "o grande sufi" (na opinião de Râmana Maharshi), "venerável lama do Ocidente" (segundo a fraternidade budista que editou a tradução de seus livros). Mas, no Brasil, seu trabalho é ainda praticamente desconhecido.

POR OLAVO DE CARVALHO

É estranho que, nos ambientes e nos debates "espiritualistas", no Brasil, quase nunca se escute pronunciar o nome de René Guénon. No entanto, basta um primeiro contato com esse autor para verificar que nenhuma abordagem de assuntos esotéricos ou simplesmente religiosos, no século vinte, pode ter qualquer pretensão à seriedade sem ter passado por um confronto com a sua obra.

Claro, essa obra tem caracteres tão especiais que a dificuldade de classificá-la – e portanto de entender suas verdadeiras intenções – pode afastar mesmo os mais honestos leitores.

No entanto, já passou o tempo em que Guénon constituía uma solitária exceção, um baluarte do pensamento tradicional resistindo, isolado, às tormentas de um Ocidente moderno que já falava outra língua e não queria entender a sua. Se Guénon não deixou discípulos, inaugurou, no entanto, e fecundou com sua influência espiritual, toda uma atmosfera intelectual onde floresceram (para nos

Retrato de René Guénon, executado por Pierre Laffilée.

O homem e sua lanterna

atermos ao aspecto puramente quantitativo dessa influência, aspecto que num espírito verdadeiramente guénoniano seria o último e mais desprezível) dezenas de estudiosos de ciências tradicionais, livros da melhor qualidade sobre as formas esotéricas das múltiplas tradições espirituais, congressos e debates, e pelo menos duas revistas especializadas: *Études Traditionelles*, na França, e *Studies in Comparative Religion*, na Inglaterra.

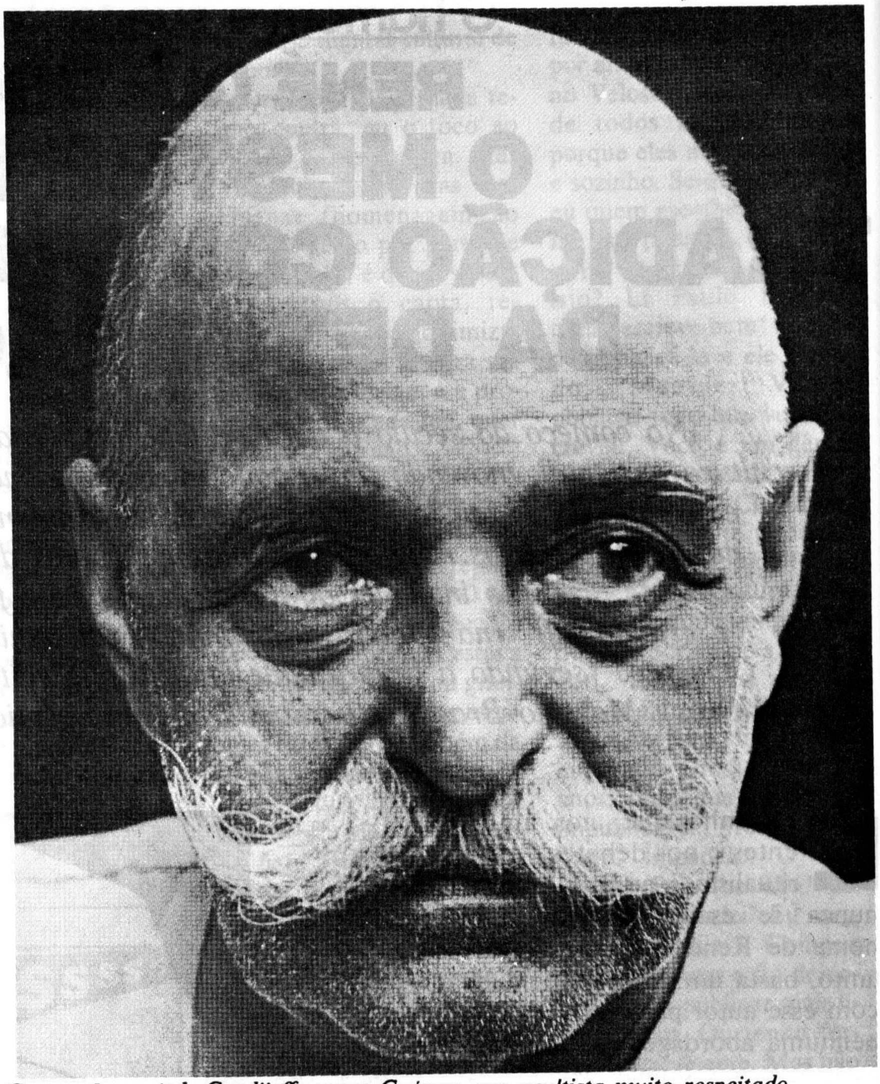
Por isso talvez seja mais fácil hoje em dia falar dele, embora, na miséria intelectual brasileira, essa facilidade criada pela difusão da sua obra em todo o mundo seja mais do que relativa.

Simples e rijo, como um diamante

O mais surpreendente na obra de Guénon é que ela não se apresenta como um pensamento pessoal, que pudéssemos comparar com as demais correntes e pensadores do nosso tempo, mas como uma simples transcrição, impessoal e desinteressada, da Verdade eterna e imutável, una e contínua, que, sob formas variadas na aparência, se expressa nas tradições espirituais de todos os povos e lugares desde que o mundo é mundo.

O contraste é chocante para o leitor: de um lado, a humildade de quem não tem nenhuma pretensão a ser original numa época onde esta parece ser a preocupação maior de cada intelectual, e que não apenas reconhece como enfatiza seu débito para com tradições de ensino várias vezes milenares; de outro lado, a arrogância intolerável de que, não expondo uma simples opinião ou hipótese, mas nada menos que *a* Verdade, exige mais do que um primeiro assentimento: exige a submissão integral.

Essa primeira impressão, por desagradável que seja, parece-me antes útil do que prejudicial à compreensão dos textos, com a condição, entretanto, de que nenhum dos termos venha mais tarde a ser esquecido, isto é, de que, movido por uma reação emocional qualquer, o leitor não venha a enfatizar nem a impessoalidade humilde do homem, nem a rigidez dogmática dos textos, pois são termos que se complementam e se explicam solidariamente. Esquecidos disso, os inimigos de Guénon embriagaram-se em especulações sobre o seu "orgulho intelectual", o que seria legítimo somente no caso de ele alegar a posse *pessoal* da Verdade e assumir a defesa da *sua* doutrina, coisa que ele jamais fez.

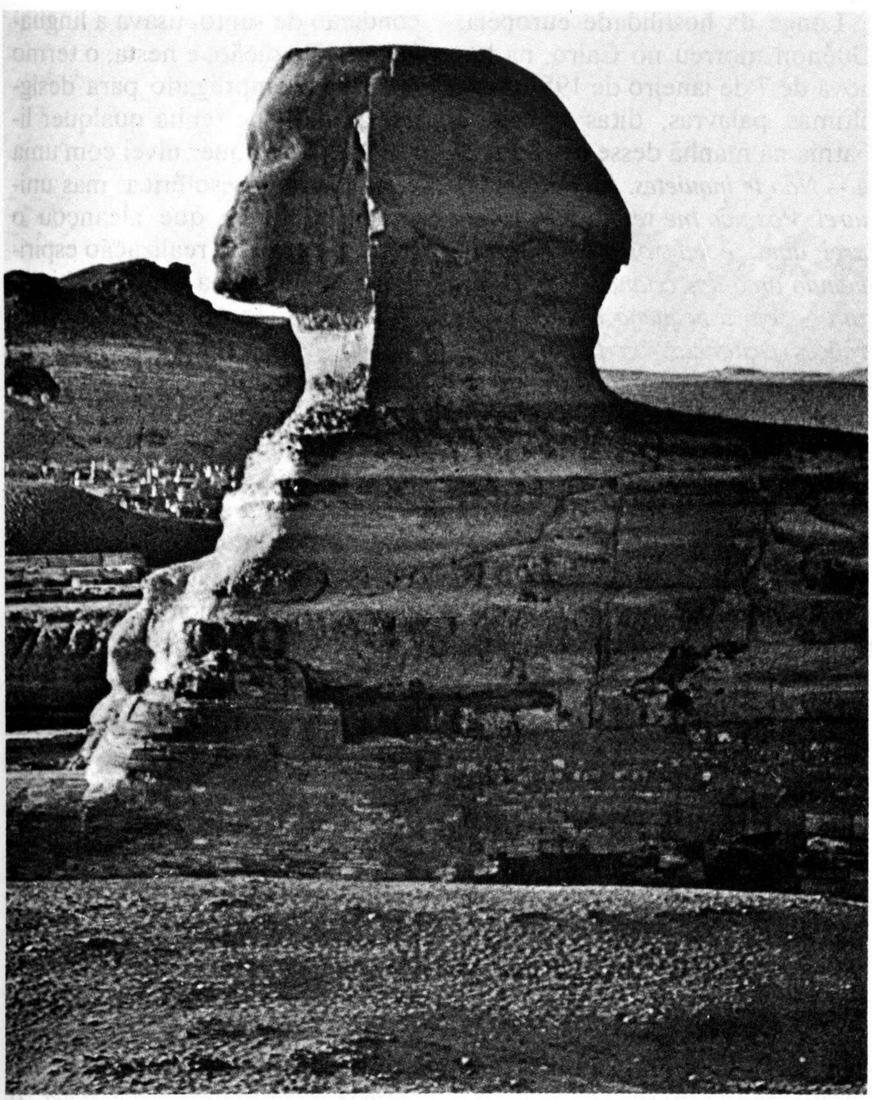


George Ivanovitch Gurdjieff: como Guénon, um ocultista muito respeitado.

René-Marie Joseph Guénon nasceu em Blois, França, a 15 de novembro de 1886. O nome traz a marca de devoção ancestral à Virgem e a S. José, e a família, constituída de viticultores, era de uma região que produz alguns dos melhores vinhos da França. O personagem, entretanto, terminará a vida no Cairo, casado com a filha de um xeque e tendo adotado todos os costumes muçulmanos (inclusive a proibição de tomar vinho), após ter-se tornado famoso como expositor de doutrinas hindus e ter acabado de editar seu último e grande livro, *A Grande Tríade*, sobre a doutrina taoísta.

Trânsito livre em todas as escolas

A vida, de certo modo, personifica a "unidade transcendente das religiões" (título de um livro de F. Schuon), pois se há algo que ca-



Aqui, no Egito, Guénon resolveu adotar o nome de Abdel-Wâhed Yahia.

racteriza o esforço guénoniano como um todo é a defesa de uma Tradição, de uma Verdade única que, no plano da doutrina metafísica, estabelece a unidade de todas as manifestações espirituais particulares, de todas as épocas e culturas. Nesse sentido ele pôde, por exemplo, tornar-se muçulmano enquanto declarava a superioridade da tradição hinduísta (mais próxima, segundo ele, da Tradição primordial), e defender as doutrinas orientais enquanto propunha que, para o Ocidente, só havia um caminho legítimo, o retorno à Igreja Católica.

Note-se que essa possibilidade de transitar livremente de uma Tradição a outra é, hoje como sempre, apanágio exclusivo dos grandes Mestres espirituais, que só conseguem fazê-lo por ter absorvido integralmente a ortodoxia de cada tradição, nada tendo isso a ver com certas "misturas" e "sincretismos" os quais, no século passado, propuseram uma "religião universal" que não era mais do que uma pasta que fundia e descaracterizava todas as tradições particulares, sem lograr com isso nenhuma unidade verdadeira.

A vida de Guénon pode ser resumida em poucas linhas. Após estudos primários e secundários brilhantes, perturbados apenas pela saúde instável, fez o curso superior de matemática, durante o qual aproximou-se de grupos de estudos ocultistas, liderados pelo famoso Papus. Não demorou a desligar-se deles, por perceber a inconsistência de suas doutrinas e a ausência de qualquer vínculo verdadeiro com uma Tradição inicial. Teve, em seguida, a felicidade de ligar-se a fontes legítimas das tradições espirituais orientais, em particular a hindu, a taoísta e a islâmica (sufismo), das quais seus livros representaram e representam, até hoje, a primeira e melhor exposição em língua ocidental.

Contra o ocultismo e o materialismo

A luta de Guénon pela difusão da Tradição primordial no Ocidente tinha em vista o mesmo objetivo contemporaneamente propugnado, no Oriente, pelo grande mestre islâmico Ahmed El-Alawi, descendente do profeta Maomé: estabelecer uma frente única de todas as tradições espirituais ortodoxas contra os dois inimigos comuns: o materialismo e o ocultismo. Tais esforços não objetivavam uma influência direta nem na cultura nem na sociedade, mas apenas atingir um certo número de pessoas, especialmente qualificadas, que, conservando o conhecimento da Tradição, pudessem servir de ponte para a construção de um novo mundo após a liqüidação final do presente ciclo histórico, que todas as tradições mundiais (da China aos indígenas americanos) assinalam para o nosso tempo.

Evidentemente, tais esforços chocaram-se contra todas as tendências de dispersão e fragmentação, as quais, buscando cada qual sua afirmação individual, rejeitavam toda tentativa de união sob a égide de uma Tradição primordial comum. Assim, Guénon conseguiu, de modo simultâneo, fazer adeptos e despertar consciência dentro de cada uma das tradições existentes (no catolicismo, alguns de seus livros foram publicados com o *nihil obstat* cardinalício, e no Oriente ele é hoje reconhecido como um grande renovador dos estudos islâmicos e hinduístas), como também, em contrapartida, conseguiu ganhar a inimizade, freqüentemente feroz, de alguns representantes dessas mesmas tradições, que preferiam insistir na superioridade dos seus pontos de vista particulares contra a raiz comum

O homem e sua lanterna

da espiritualidade humana. Isso, no que diz respeito aos representantes de tradições *legítimas*, como o catolicismo e o islamismo. Quanto aos adeptos de correntes ocultistas de improviso, bastante disseminadas no nosso tempo, estes voltaram-se contra ele das maneiras mais desleais e violentas. Houve inclusive tentativas de fazer seus livros desaparecerem do mercado, e ameaças diretas a seus editores.

Tudo isso acaba por levá-lo a uma situação de quase total isolamento no panorama cultural europeu. Na década de 30 ele parte para o Egito, onde, acredita, os traços ainda vivos de uma civilização tradicional lhe permitiriam viver segundo os princípios que foram a base da sua vida e da sua obra, sem defrontar-se com os obstáculos que a civilização moderna lhes opõe.

O difícil caminho em busca da coerência

No Egito, Guénon adota o nome árabe Abdel-Wâhed Yahia ("João, servidor d'O Único") e casa-se com a filha de um xeque (mestre espiritual), com a qual veio a ter quatro filhos. Nesse período continuou escrevendo artigos, em árabe e em francês, datando daí alguns de seus trabalhos mais importantes, como *Le Règne de la Quantité*. Respeitado e temido, ele raramente foi e raramente é lido de maneira compreensiva, responsável e "desde dentro". Uma idéia da temerosa distância que dele manteve a intelectualidade européia do seu tempo é dada pela reação de André Gide: "Se Guénon tem razão, então toda a minha obra cai por terra." Quando lhe perguntaram por que, então, não reformava suas posições, Gide confessou: "O que Guénon diz é irrefutável, mas eu já estou velho demais para recomeçar."

Longe da hostilidade européia, Guénon morreu no Cairo, na lua nova de 7 de janeiro de 1951. Suas últimas palavras, ditas à esposa Fatma na manhã desse dia, foram:

– Não te inquietes. Eu não te deixarei. Vós não me vereis, mas eu estarei aqui, e eu vos verei. Agora, quando uma das crianças não é sensata – seja a pequena Khadidja, de tranças castanhas, ou Leila, a menorzinha, loirinha de olhos azuis, ou o pequeno Ahmed, que não tem dois anos –, a mãe lhe diz: "Como ousas chorar sob o olhar de teu pai?" E a criança se cala em presença do Invisível.

Essa foi sua última frase, mas não sua última palavra. No instante derradeiro, Guénon disse claramente: "Allah!" ("Deus!")

No entanto, a declaração à esposa parece altamente significativa, e só a má-vontade de seus críticos e biógrafos justifica que não a tenham levado em conta para explicar algo do comportamento externo de Guénon. Proferida *in articulo mortis*, por que não poderia ser tomada como uma derradeira reafirmação dos princípios que, tendo orientado sua vida, deveriam servir também para nortear a família após a perda do pai, e os amigos e admiradores após a morte do mestre? Por que não poderíamos considerar o próprio Guénon como a criança que, por respeito ao Invisível, reprime a expressão da pura emoção pessoal e se anula como indivíduo, para não macular a realização suprema da entrega ao Absoluto?

Nesse sentido, não se entende como até um crítico compreensivo como Paul Sérant (*René Guénon*, Paris, Le Courrier du Livre, 1977) tenha julgado que "ao homem, como à obra, faltava sem dúvida alguma coisa. Que coisa? Talvez esse privilégio que consagra a vitória do Espírito . . . esse privilégio ao qual a tradição ocidental deu, de uma vez para sempre, o nome de *santidade*."

Pois talvez não haja outra palavra para caracterizá-lo, senão a de Râmana Maharshi, para quem Guénon era "the great Sufi". Râmana, a quem ninguém negará a condição de santo, usava a linguagem da Tradição, e nesta, o termo *sufi* não é empregado para designar aquele que tenha qualquer ligação em qualquer nível com uma certa corrente esotérica, mas unicamente aquele que alcançou o supremo grau da realização espiritual, conhecido na Tradição hindu como a União ou a Libertação.

Não estou canonizando Guénon por conta própria, mas uma vida que, em recompensa da anulação do indivíduo a serviço da Verdade, encontra apenas a incompreensão, a perseguição e, para cúmulo, a acusação de orgulho, coroa-se de uma certa aura que impõe silêncio e respeito, mesmo a seus adversários.

Combate ao espírito de negação e revolta

Se a vida tem a simplicidade linear daquele que "serve a um único Senhor", a obra, apesar da imensa variedade de temas, enfoques e níveis de abordagem, tem no entanto uma estrutura igualmente simples. Toda ela articula-se em torno de dois temas básicos: *ensinar* a Verdade, *combater* o erro.

A Verdade é o núcleo de princípios metafísicos, eternos e imutáveis, o qual permanece intacto através das múltiplas e diferentes tradições espirituais que, com símbolos, ritos e expressões diversas, constituem apenas os vários órgãos do corpo histórico de uma Tradição supra-histórica. Essa Tradição tem por origem o Absoluto mesmo, e como meta a conservação da unidade e da verdade – através da multiplicidade da história humana.

O erro é a pretensão de cada parte no sentido de constituir por si mesma o Todo, e a ambição de cada verdade relativa no sentido de tornar-se por si mesma o Absoluto. O erro tanto pode provir de uma forma religiosa qualquer que, esquecendo sua origem na Tradição comum, se erige arbitrariamente em norma e parâmetro de todas as outras, quanto de uma ci-

Reunião da Ordem da Estrela do Oriente: Besant, Krishnamurti. Coerente?

vilização em particular que, não reconhecendo seus limites, impõe seus próprios símbolos e regras a homens de outra constituição psíquica e espiritual, ou ainda, o que é o pior de tudo, pode provir de um simples indivíduo que absolutize suas próprias teorias e suas preferências pessoais.

Talvez a amostra mais contundente da coerência da obra guénoniana seja o fato de que, no seu primeiro artigo, publicado em 1909 ("O Demiurgo"), Guénon já tenha definido, de maneira taxativa, tanto sua posição quanto a do adversário: daí até sua morte, em 1951, Guénon permanecerá, sem nenhuma alteração doutrinária, o defensor da Unidade contra "o espírito de negação e de revolta" da parte contra o todo e do relativo contra o Absoluto, o qual espírito, personificado, recebe nas tradições semíticas o nome de Shatan, Shaitan ou Satã, termos que querem dizer, precisamente, "o Adversário".

Como, num plano de totalidade metafísica, o adversário não tem nenhuma realidade, mas se revolve apenas numa visão parcial que aspira a ser total, o trabalho do defensor da Unidade consistirá precisamente em jamais descer ao nível de particularidade, que o poria à mercê do inimigo, mas ater-se ao plano da Doutrina metafísica, e reabsorver nele todos os golpes e ameaças, restituindo-lhes a fisionomia que de direito lhes pertence: a fisionomia do nada.

Assim, por exemplo, ao combater o "moralismo" sentimental e religioso dos ocidentais — que os impede de compreender as doutrinas metafísicas orientais no seu devido plano — ele não o ataca: anula-o, mostrando como representa apenas um reflexo longínquo, parcial e limitado das mesmas verdades metafísicas contra as quais esse moralismo se volta.

"Potente renovador dos estudos econômicos"

Foi o que ele fez, ao mostrar aos arautos da "civilização cristã ocidental" que os "preceitos éticos", em nome dos quais pretendiam civilizar o Oriente "bárbaro", não eram senão o eco histórico distante de velhíssimas doutrinas orientais, cujo sentido intelectual se perdera no Ocidente, deixando apenas um ranço sentimental substitutivo.

Assim ele fez, também, com a moderna ciência ocidental, ao mostrar que muitas de suas teorias não passam de velhas verdades metafísicas mal compreendidas e distorcidas pelo tempo. Por exemplo, ao mostrar que o sistema de numeração binária, — que seu inventor, Leibniz, pretendia constituir a chave (finalmente descoberta!) dos hexagramas chineses do *I Ching* — não passava de um aspecto secundário e contingente dentro de um texto sagrado cujas verdadeiras dimensões nem Leibniz nem todos os seus contemporâneos ocidentais estavam em condições de imaginar.

Tal ele fez também ao mostrar como o atual "progresso econômico" do qual o Ocidente se orgulha, e em nome do qual invade, saqueia e descaracteriza outras civilizações, não passa de um processo de *quantificação crescente*, que os antigos textos védicos já previam, milênios atrás, como o auge da desqualificação e da decadência.

Guénon conhece, compreende e exalta cada tradição em particular, incluindo as religiões, e às vezes as expõe com uma retidão tanto ou mais "ortodoxa" do que conseguiriam seus representantes "oficiais". Mas, tão logo o representante de uma religião ou de uma corrente esotérica pretendesse realçar sua "superioridade" perante as demais, Guénon virava o disco, para mostrar a dependência dessa corrente específica em relação à Tradição primordial.

Por isso, entre os representantes tanto das religiões quanto das sociedades esotéricas, Guénon só obteve o apoio, velado ou declarado, dos homens de inteligência mais universal, capazes de sobrepor o "espírito, que vivifica", à "letra, que mata". Sua obra surge, assim, como um divisor de águas, e por isso foi possível vê-lo, ora discutindo com os representantes do oficialismo religioso (um Maritain, por exemplo), em nome da Tradição, ora reconvertendo cristãos, muçulmanos ou judeus modernizados, às suas tradições de origem. No Islã, onde terminou

O homem e sua lanterna

seus dias ignorado pela maioria dos representantes da religião oficial, ele é hoje reconhecido como um potente renovador dos estudos islâmicos. Mas pode-se dizer que os cristãos ainda não reconheceram sua imensa dívida para com uma obra capaz, por si só, de dissolver *todas* as objeções do mais empedernido "materialista científico" e devolvê-lo à Igreja de Cristo, por uma força intelectual superior a toda confusão dialética do ateísmo moderno.

Toques para uma leitura de Guénon

Em torno desses dois temas – verdade e erro –, Guénon estrutura seus textos em sete variações básicas, que convém ao leitor ter em mente ao consultar os dezessete volumes de sua obra publicada em vida, bem como os onze volumes de obras póstumas:

1º) O *combate aos erros modernos*, que é a parte mais facilmente acessível de sua obra, por estar mais próxima das preocupações do intelectual de hoje, dividida em três setores:

a) Crítica da cultura, da história e da sociedade. Nesta parte Guénon desfaz muitos mitos modernos, como o do progresso material, o da liberdade civil, o do individualismo, o do Ocidente. Tratam deste assunto livros como *Oriente e Ocidente*, *A Crise do Mundo Moderno* e, parcialmente, *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos;*

b) Crítica da ciência e da filosofia modernas. Nesta parte Guénon demonstra a inconsistência intelectual das principais tendências do pensamento moderno, como o racionalismo, o historicismo, o pragmatismo, etc. Por exemplo: *Princípios do Cálculo Infinitesimal* (1946);

c) Crítica da pseudo-espiritualidade. A maior parte das correntes pretensamente esotéricas da atualidade derivam da decomposição e do desvio de correntes tradicionais e, quando não resultam da ignorância pura e simples, emanam de uma tendência deliberadamente contra-iniciática. Por exemplo: *L'Erreur Spirite* (1973); *Le Théosophisme* (1921).

2º) A *exposição da doutrina tradicional*, que é a parte essencial (da qual a anterior representa apenas o reflexo inverso), abrange quatro preocupações básicas:

a) A exposição pura e simples da doutrina tradicional em si mesma, independentemente das suas várias expressões particulares. Por exemplo: *O Simbolismo da Cruz* (1931); *Os Estados Múltiplos do Ser* (1932);

b) A afirmação da existência histórica da transmissão iniciática que caracteriza a Tradição única, ou seja, a demonstração da unidade da Tradição por cima das tradições. Por exemplo: *O Rei do Mundo* (1927);

c) Estudos específicos sobre esta ou aquela tradição tomada em particular (sem excluir, é claro, comparações com outras tradições). Por exemplo: *A Grande Tríade* (1946), sobre a tradição chinesa; *O Esoterismo de Dante* (1975), sobre a tradição cristã;

d) Estudos particularizados sobre os símbolos, que são um meio básico de transmissão do ensinamento tradicional. Os estudos nesse sentido estão disseminados por toda a obra guénoniana, sobretudo em seus artigos de revistas, muitos dos quais foram reunidos no livro *Símbolos da Ciência Sagrada* (1962).

Muitos dos seus textos participam de vários desses temas ao mesmo tempo, e a mais notável síntese de muitos planos de abordagem, a meu ver, é *O Reino da Quantidade*, onde todos os temas se interpenetram em cada capítulo, de maneira majestosamente sinfônica, enquanto que em *A Metafísica Oriental*, por exemplo, a pura e simples exposição da doutrina oculta, nas entrelinhas de um discurso dos mais sóbrios e serenos, as mais explosivas condenações ao mundo moderno.

Quero dizer que essa estruturação é apenas uma das muitas possíveis para uma obra tremendamente complexa, mas que ela basta para situar o leitor.

A obra de Guénon exige, naturalmente, certos cuidados de quem vai abordá-la, pois ela reverte de alto a baixo todas as nossas noções sobre a história, a cultura, os valores e a verdade. Retirando-nos de um mundo de hipóteses e teorias vagas, ela nos remete ao coração vivo da Verdade, e por isso, segundo diz meu professor Michel Veber (que estudou sob a orientação pessoal de Guénon), essa obra pode constituir-se, ela mesma, no centro da vida de quem se dispõe a estudá-la.

O AUTOR

Olavo de Carvalho traduziu para o português a única obra de Guénon até hoje editada no Brasil (*A Metafísica Oriental*, São Paulo, Edições Júpiter, 1981). Olavo, jornalista e astrólogo, é ainda diretor da Escola Júpiter, onde também se realizou, no mês de abril, o primeiro curso sobre a obra de Guénon dado no Brasil, cujo expositor foi Michel Veber, artista plástico e professor de artes marciais, que estudou sob a orientação pessoal do próprio Guénon.

O QUE HÁ PARA SE LER

Em português: *A Crise do Mundo Moderno* (Lisboa, Vega, 1977); *O Esoterismo de Dante*, seguido de *São Bernardo* (Lisboa, Vega, 1978); *O Rei do Mundo* (Lisboa, Minerva, 2ª edição, 1978); *A Metafísica Oriental*, edição comentada por Michel Veber (São Paulo, Escola Júpiter, 1981).

Das edições portuguesas, a tradução de *O Rei do Mundo* deixa a desejar. A única edição brasileira é de *A Metafísica Oriental*, mas em tiragem reduzida, fora do mercado, só podendo ser obtida diretamente na Escola Júpiter, ao preço de Cr$350. (Pessoas de outros Estados interessadas em adquiri-lo devem remeter cheque de Cr$400, já incluídas despesas de reembolso postal, em nome de Escola Júpiter – Promoções e Comércio Ltda., Rua Raggio Nóbrega, 40, Jardim Paulistano, São Paulo, SP, 01441.)

No original francês, as obras de René Guénon, editadas em parte pela Gallimard, em parte pelas Éditions Vega, podem ser adquiridas nas livrarias Horus, Fretin ou Zipak, em São Paulo.